OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1052

20 de Março de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Está Lisboa tomando, cada dia, proporções e aspectos magnificos de grande cidade. Negá-lo seria o mesmo que negar a luz do proprio sol. Raro é o dia em que se não noticie a abertura de uma nova rua. Por toda a parte surgem bairros novos, como por encanto.

Não ha trecho de terreno em que se não vejam edificações modernas. Em todos os sitios até onde se tem estendido os beneficios da tração mais ou menos acelerada, levantam-se predios de moradia.

Decorrido um seculo de inação, subitamente, e num breve espaço de tempo, realisa se o sonho do Marquez de Pombal, que traçava o plano de alastrar Lisboa no sentido do Lumiar e do Campo Grande, pontos os mais salubres, no seu entender, para o lançamento de bairros novos. Esta idéa não ficou infecunda no cerebro do enorme Sebastião. Ainda hoje existem nos archivos do Municipio os projectos e planos que elle mandou desenhar com o fito de pôr em pratica o engrandecimento da capital. É provavelmente só lh'o impediram a morte e o desfavor da filha de El-Rei D. José.

Posteriormente, outros homens eminentes insistiram no pensamento do grande ministro, entre elles o doutor Sousa Martins, dizendo que a expansão normal da cidade deveria fazer se na zona de terrenos compreendidos entre Valle de Pereiro e o Campo Grande.

De recente data são os trabalhos de abertura da Avenida das Picôas, da Avenida Ressano Garcia, e agora parece tornar-se realidade o Parque Eduardo VII, querendo-se dar a Lisboa o caracter de renovação que se operou em Bruxellas num periodo de poucos annos. Bruxellas era, ha trinta annos, uma cidade secundaria no ponto de vista do seu plano, das suas condições de habitabilidade. Modernamente, passou por uma transformação completa, a que em tudo se assemelha áquella que em Lisboa se vae operando.

Da Praça dos Restauradores ao Campo Grande, estende-se em successiva ascenção a série das grandes avenidas. Isto implica duas optimas vantagens que se conjugam e resultam uma da outra: em primeiro logar, o alargamento da área de terrenos habitaveis na proximidade de Lisboa, alargamento proporcionalmente muito maior que o acrescimo da população; em seguida a arborisação d'um grande numero de hectares que ficam dentro ou de perto confinam com a capital, reconhecida de utilidade maxima para a saúde dos seus habitantes. Dois enormes beneficios higienicos, afóra melhoramentos de viação, encurtamento de distancias, utilisação e encarecimento de terrenos improductivos, acrescimo de valorisação, nos tem trazido e promette ainda trazer essa continua série de progressos de que foi principio a Avenida da Liberdade, e ultimo termo realisado a Avenida Ressano Garcia.

Não nos preocupemos com o averiguar se a população de Lisboa tem augmentado de tal maneira que exija tantas avenidas e tantos predios novos, dando-se ainda a circunstancia de não se terem derrubado ou reconstruido alguns dos antigos bairros. Quasi todas, senão todas as edificações actuaes, são formadas sobre terrenos de cultura, quintas ou campos. Seja porem como fôr, haja ou não haja causa, que explique naturalmente o fenomeno, o que é innegavel é que o facto dá-se, visivel, aos olhos de todos e de uma realidade que ninguem póde contestar. As casas erguem-se quasi inesperadamente do sólo, e apparecem logo os moradores para as encher.

Esta concorrencia não faz, comtudo, que tenham melhorado sensivelmente as condições de habitação. A maior parte das construções lisboetas deixam muito a desejar, quer sob o ponto de vista da elegancia, quer sob o ponto de vista da higiene, do conforto e da solidez. A obra de fancaria predomina. As portas e as janelas não ajustam perfeitamente; os soalhos estão cheios de gretas; os estuques ameaçam desabar. Mas que admira, se não ha escolha nos materiaes nem perfeição no trabalho, attendendo-se unicamente á illusão e á barateza! Um dos defeitos da nossa construção moderna é a extrema divisibilidade das peças, de modo que se tornám acanhadissimas, como se fossem compartimentos de bonecas. Com isso se pretende valorisar o predio, dizendo-se que elle tem um grande numero de quartos, quando afinal de contas não tem senão cubiculos.

Entre os varios e complicados problemas a cuja solução a sciencia social se entrega com ardor, nos diversos estados do mundo culto, occupa logar proeminente aquelle que respeita á habitação do pobre. O estudo do problema da habita-

MONUMENTO AO MARQUÊS DE POMBAL, NA VILA DE POMBAL
(De fotografia)

ção do pobre constitue ponto de partida para a observação minuciosa das classes menos favorecidas, e por conseguinte, tentada a solução, para a acquiescencia dos meios e fórmas adequadas a minorar-lhes os soffrimentos.

Como todos os assumptos sociaes, que a este se prendem e respeitam ás classes trabalhadoras, constituem uma questão palpitante no mundo civilisado, homens de sciencia, filosofos e estadistas de quasi todos os paizes com empenho se lhe consagram; e, se parece fóra do possivel resolvê-la de modo que, sem affectar a normalidade do desenvolvimento das sociedades modernas, se extinga o pauperismo, assente está que aos governos e ao espirito do seculo cabe parcella importante na obra profundamente evangelica de o suavisar e diminuir consideravelmente.

Felizes, ainda assim, os que têm o seu abrigo certo! Porque ha os que arrastam miseravelmente comsigo a desgraça que enche essas lugubres casas de pernoitar, casernas de pavôr, onde dorme a escória da cidade, sobre taboas, apenas ao abrigo das chuvas, dos frios e das rusgas da policia...

Muito se tem feito, muito progredido. Mas quanto ha ainda para fazer e quanto ainda a progredir!

Chama-se o estrangeiro a Portugal, tudo se prepara e se dispõe para o receber festivamente. Mas nem a Propaganda de Portugal, nem o Grande Club de Lisboa, nem a Liga do Interesse Publico tomam a peito, por exemplo a questão do asseio da primeira cidade do reino. Não falemos sequer das outras.

Qualquer de nós, todos nós, quando convidamos alguem para nossa casa, o primeiro cuidado que temos é o de olhar pela limpeza e ordem que tudo deve apresentar dentro de nossos penates á observação das pessoas que convidámos. Nenhuma dona de casa estenderá sobre a sua mesa uma toalha enodoada no dia em que conte com alguem de fóra para o almoço ou para o jantar. Nem tão pouco deixará de pôr lençóes e fronhas lavadas na cama que destine a algum seu hospede. Evidentemente.

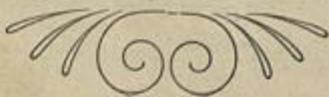
Pois aquillo que nós estamos fazendo, diligenciando por todos os meios e por todas as fórmas trazer a visita do estrangeiro a Portugal, demorá-lo principalmente em Lisboa, não tendo antes o cuidado de tornar Lisboa asseiada para o acolher, é a perfeita negação das mais elementares regras de hospitalidade que, todavia, cada qual, por si, tão bem conhece, e tão rigorosamente observa dentro da sua propria casa.

Se qualquer dos illustres patriotas que dirigem as boas iniciativas d'essas três sociedades podesse escapulir-se uma ou outra vez ás mil e uma occupações que lhes tomam o tempo precioso — batalhas de flôres, cortejos carnavalescos, mensagens e banquetes, idas ao Paço, e sessões solennes — e viesse encontrar-se comnosco para juntos darmos alguns passeios elucidativos á roda d'aquillo a que se convencionou chamar a civilisação de Lisboa, convencer-se-ia do que dizemos!

Poderiamos, se quizessem, fixar o *rendez-vous* ali assim entre o Martinho e D. Maria II, onde pulsa o coração da cidade, mesmo ao pé da gare central onde se apeiam do *Sud-Express* os estrangeiros que vêm vêr-nos. Por volta das tres para as quatro horas da tarde. Um batalhão de varredores da Camara, esfarrapados e atascados em porcaria até aos olhos, ahi nos fará a guarda de honra, junto de uma valente bateria de carroças, só por irrisão denominadas «da limpesa», acoguladas de tudo quanto a Baixa não póde, por mais voltas que lhe dê, aproveitar para salada, escabeche, esperregado, ou croquettes.

Se preferirmos outro ponto, lá mais para baixo, temos por exemplo a Ribeira Nova, no terreno onde as peixeiras, emquanto esperam a chegada do peixe, embalam os filhos dentro das canastras, ou mutuamente se catam — mesmo junto á estação do caminho de ferro dos elegantes Estoris e do internacional Cascaes, o mais proximo possivel da passagem obrigada dos viajantes argentinos, que vêm tomar em Lisboa o Paris-America Express...

Qualquer d'estes dois sitios, de que nos lembramos ao acaso, será ponto excellente de partida. O resto é comnosco. Lisboa, no que respeita a porcaria, tem quasi tanto que vêr como no que respeita a maravilhas e surpresas de panorama.

João Prudencio.

O monumento ao Marquês de Pombal

NA

VILLA DE POMBAL

Em 8 de maio de 1905, numa reunião de moradores da villa de Pombal, foi sob proposta do sr. Aquilino Dias Varella-Pinto, approvada a idéa de na mesma villa se erigir um monumento á memoria do grande Marquez de Pombal como preito de homenagem prestada por aquella povoação ao genio que tanto engrandeceu a patria portugueza.

Para tratar de todos os trabalhos foi eleita uma commissão composta dos srs.: José Ferreira Gonçalves, commerciante na praça do Porto, natural de Pombal, presidente honorario; dr. José Ferreira d'Andrade, advogado, presidente effectivo; Joaquim Luiz Lente, commerciante, thesoureiro; Aquilino Dias Varella Pinto e Antonio de Jesus Oliveira, commerciantes, vogaes; e Thomaz Luiz da Cunha, commerciante, secretario.

Em 1 de novembro do mesmo anno realisou-se a cerimonia do lançamento da primeira pedra e em 8 de maio de 1907 inaugurou-se solemnemente o monumento, com assistencia do magistrado superior do districto de Leiria, auctoridades civis, funccionalismo, escolas, commercio e enorme concurso de pessoas de todas as cathegorias das localidades proximas.

Discursaram n'esta solemnidade os srs. drs. Augusto de Castro, Mario d'Aguiar, Antonio José d'Almeida, Bernardino Machado e o jornalista Padua Correia.

O monumento foi levantado no largo do Cardal, o principal da villa, onde se acham as repartições publicas, proximo dos caminhos de ferro e em frente da estrada de Lisboa ao Porto.

E' construido de marmore rosado, colhido nas proximidades da villa de Pombal, e a parte esculptural é obra de A. Fernandes de Sá, afamado esculptor portuense. O projecto architetonico bem como a construcção devem se ao notavel architecto Ernesto Korrodi, director da Escola Industrial Affonso Domingues, de Leiria.

A fundição do busto e de um medalhão que ornamenta o pedestal do monumento, foi feita no Arsenal do Exercito tendo o governo dado o bronze e mão de obra.

A commissão foi muito auxiliada no seu encargo pelo sr. Luiz Eugenio Leitão, membro da direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa e abalisado commerciante da capital, que empregou muito boa vontade e diligencias de toda a especie para se conseguir a tarefa imposta aos commissionados.

A educação em Portugal

I

Ao cabo de sacrificios immensos e que por obscuros não perdem, quanta vez, o caracter de heroica vigilia, á luz de um candieiro, em copias fastidiosas de resmas de papel; que de vezes o arrancar da indispensavel quantidade de pão ao proprio sustento, moradia em casa sem commodos, pobre de ar e de luz; que de vezes o tragar custoso de humilhantes affrontas — elle, o pobre e mesquinho burocrata, sentiu-se compensado e feliz, quando o filho — o alvo dos seus affectos, o Cyreneu da sua cruz — findos os preparativos se lhe apresenta habilitado a seguir um curso superior.

Então, é que é deixar correr sem freio o corcel da phantasia pelo futuro além!

Sim! que maior ventura do que vêl-o douctor, considerado, respeitado, querido por toda a gente, que sempre o tratará pelo *senhor douctor*...

E em extasis perante a seductora miragem do futuro, o pobre pae nem sabe como da Providencia mereceu premio tão grande! Ter o seu filho *douctor*, elle, o pobre amanuense...

Será um advogado distincto, e ornamento do fôro portuguez, uma gloria nacional. Em poucos annos será rico. Illustrado pelo dom do genio, grande pela nobreza de sentimentos, virão solicital-o para os mais altos cargos da nação, exorar-lhe o valioso poder da sua influencia na resolução das mais complicadas questões politicas, a força do seu conselho e da sua sciencia nos pleitos mais difficeis.

Ah! que o pobre pae reserva-se a suprema ventura de, occulto, bem occulto em sua modesta habitação, saber que de longe se projecta o rasto de luz, que o filho em volta esparge!

Se ao passar entre a turba, attonita e semi-cega por essa luz, alguem, vendo-o, murmurar, quasi com religioso respeito — *aquelle é o pae* — oh! compensação sublime a tanta privação sentida!

Assim elle pensa, durante as rapidas horas de uma noite, que determina a vespera do adeus ao collegial destinado ao Curso de Direito na Universidade de Coimbra.

E, quando de regresso da estação do caminho de ferro, ennovelada a garganta pelas lagrimas crueis da despedida, volve á casa, que lhe parece gelado deserto, não o aterra o pensamento das forçadas economias a que essa formatura o vae obrigar. Poderá elle sentir a fome, a nudez, todas as privações imaginaveis, que o seu filho nem por sombras, na relativa abundancia em que ha de viver, o sonhará. Se fôr preciso triplicar o trabalho, terá forças, e o trabalho será tres vezes feito; se ainda assim não chegar, a remuneração mesquinha, a joia de familia, occulta na velha commoda, irá supprir com a sua venda, a mensalidade sagrada.

Oh! coração de pae! Se de envolta com as bençãos que o Céu te envia, descesse um raio de luz ás sombras da tua alma, tu verias bem diverso o futuro do teu filho!

. . . .

Passaram-se cinco annos. Que de vezes n'esse periodo, um quasi desfallecer de forças na tremenda lucta da vida; que de vezes os labios, em dolorosa contracção expelliram o *não posso mais!*

Faze agora uma descripção da tua vida academica — ó bacharel formado! — áquelle cançado velho, que n'uma indizivel expressão de anciedade, fixa o seu olhar no teu. Falla-lhe com doçura, mas de modo que a verdade amarga das tuas palavras, não lhe arranque, impiedosamente, a grinalda de flôres que cinge o seu ideal!

«— Cinco annos electivos são pouco mais ou menos, uns trinta e dois mezes. Eis o espaço de tempo em que profundei a sciencia de direito. Fomos, nos primeiros annos, cento e vinte os alumnos e concluimos o curso noventa e dois. Fui chamado a dar provas do meu aproveitamento umas tres vezes ao todo.

Em nenhuma d'ellas era firme a comprehensão que tinha do texto juridico da lição; mas dotado de boa memoria não me foi difficil repetir as palavras da *sebenta*. Repetir essas palavras, que eram um amalgama das opiniões dos lentes e das theorias dos livros, era o mesmo que metter requerimento a captar-lhes sympathia. Alcançada, mercê de uma tal ou qual doblez do meu caracter, o acto esteve sempre mais ou menos seguro. Passei *nemine*. Nos entre-actos do estudo — grandes entre-actos, que me fizeram por vezes, nas casas de jogo, esquecer o entrecho da peça — aprendi a ter ambições... de alcançar, terminada a formatura, um logar rendoso e pouco trabalhoso. Para debute, sempre me sorriu á imaginação, a posse de uma cadeira em S. Bento. Tornei-me, já com minhas vistas na candidatura, amigo de diversos condiscipulos, filhos de *trumfos* importantes na politica. Qualquer partido me servia, não fazia escolha. Seria do primeiro que me désse um circulo.

Não sigo a advocacia que é vida laboriosa. Obrigar-me hia a levantar cedo, a encerrar me no escriptorio e a aturar ahi a maçada dos *clientes*. Sorri-me, de preferencia, a politica e a alta burocracia, porque em ambas deito figura e pouco tenho que fazer.

Entrarei na camara pelas 3 horas da tarde, darei ahi dois dedos de conversa aos ministros, por desfastio pedirei a palavra sobre qualquer questão politica e com certa arte conquistarei, facilmente, as palmas de orador. Depois o futuro será meu! Poderei fazer fortuna pela politica, tendo habilidade e, principalmente, nada de escrupulos. O mundo anda torto ha muito e não serei eu que o endireite. Ou alcanço fortuna em especulações bem combinadas, ou alcanço-a... casando rico.

Qualquer mulher me serve, comtanto que tenha *massa*. Não escolho formosura nem aristocracia (que n'esse ponto, só n'esse, sou democrata); o que desejo é dinheiro, muito dinheiro!

Filha de negreiro será minha esposa, comtanto que me dê a posse de um bom palacio e de uma bella carruagem.

Já amarrotei o coração, viscera importuna, pelo que matou o idiota do Romeu, um lunatico que teimava em alimentar paixão pela linda Julieta!...

. . . .

Basta!

Esconde te, pobre velho, para chorar á vontade a queda dos teus ideaes queridos! Que elle te não perceba essas lagrimas, duplamente amargas, porque não saberia sequer entendel-as!

O destino, na sua cruel omnipotencia, ainda te reserva provação mais dura. Tu, que fôste sempre honrado e bom, coração aberto ao doce effluvio do amor, terás ainda por nóra a filha do negreiro millionario, cuja fortuna evitará, talvez, que se escancarem para ti, as portas de um Asylo!

* * *

Eis a terrivel realidade!

Nos cafés das cidades, nas boticas da aldeia, as cavaqueiras politicas começam sempre pelo tradicional: *isto assim não póde continuar!*

E quem ouve taes palavras em todas as bocas, a todas as horas e em toda a parte, julga-se na vespera de uma revolução social, a dois dias da nova phase politica de um paiz indignado contra os erros, os abusos e os crimes dos seus governantes.

Mas qual! Esse exordio de indignação e severidade, está tão inveterado como a peroração de desalento e descrença, a frase enervante e mandriona: *afinal são todos o mesmo.* que acompanha a apreciação dos homens publicos e dos partidos militantes, rematando esses cavacos quotidianos.

E não haverá uma fórma de pôr termo a este estado de cousas?

Ha!

Que nos importa o desdenhoso sorriso provocado pela leitura da palavra acima exarada? Porventura não sabemos nós, perfeitamente, que é prohibido, n'este paiz. possuir idéas? Acaso ignoramos a sorte d'aquelle que ouse arrojal-as a publico?

E que nos importa a critica indigena, por muito acerada, por muito violenta que seja?

A critica!

Pois n'um paiz, nas condições moraes em que o nosso se encontra, onde quasi se não estuda e tão restrictamente se pensa, tem alguma auctoridade, algum valor a critica?

Todavia, ha criticos, na verdadeira accepção da palavra; ha quem estude, quem pense, e seja sufficientemente probo, digno, honesto, para admittir uma ideia e discutil-a.

E' a esses, só a esses, que nos dirigimos.

Fitamos a luz seductora de um resplendente ideal... e, talvez, que nada mais!

Oxalá, que essa luz que nos prende a vista, hypnotisasse tambem cinco milhões de portuguezes!

Quem déra que do tumulo se evolasse uma faisca do brilhantissimo talento de Teixeira de Vasconcellos, para ainda uma vez te olhar, patria da minha alma! erguendo o teu pendão d'esse passado glorioso, que nos diria, como o poeta:

...Sou eu
Quem vos entrega um mar e vos descobre um ceu!

* * *

Ora não seria mais conveniente, em vez dos governos pretenderem fazer economias com as reformas nos cursos industriaes, empenharem toda a sua energia e influencia para reformar, mas de *fond en comble* a velha Universidade de Coimbra?

Não é verdade que o paiz carece mais de bons commerciantes, de bons agricultores, que de bachareis formados?

Pois a iniciativa do ministro que fosse verdadeiramente patriota, devia dirigir-se por esse caminho, quando quizesse que o paiz tirasse immediato proveito com reformas.

Esse proveito advir-lhe-hia quando ellas incidissem sobre o ponto capital, que é a educação do povo portuguez. Alargar o mais possivel a esphera da instrucção industrial, facilital-a mesmo por todas as fórmas e difficultar o ensino superior, seria a base da verdadeira reforma a fazer, aquella que mais contribuiria para a regeneração do paiz.

E' mais facil o estudo da sciencia do direito do que o das disciplinas que constituem o curso industrial? As habilitações preparatorias d'aquelle contribuem para o facilitar, emquanto que são insufficientes as que se exigem para o aproveitamento d'este?

Não.

Na nossa maneira de ver é a rotina, como consequencia de uma educação errada, cheia de preconceitos, de falsos pontos de vista, que determina este resultado.

Se não vejamos:

Nas considerações geraes com que iniciamos este trabalho occorreu-nos, como symbolo de envergonhada pobreza, o menos graduado servidor da nação na escola burocratica. Sabe todo o mundo que o amanuense, com difficuldade obtem do thesouro publico uns magros 300$000 réis annuaes. E' com essa insignificantissima verba que elle, guiado por mal orientado sentimento paterno, envida esforços e sacrificios para formar o filho n'aquella faculdade.

Mas se nos applicarmos á observação mais detida havemos de encontrar innumeros exemplos de ser o proprio industrial, o dono da fabrica, o lavrador, o commerciante, quem prefere tornar o filho, com a encadernação de douctor, um nullo, um vadio, um pretendente a empregos publicos, em vez de, fazendo-o estudar as disciplinas que o tornem util, habilital-o a tomar a intelligente gerencia das suas fabricas, lavouras e casas de commercio.

Nos Annuarios da Universidade de Coimbra é facil obter a prova do que dizemos. Pelos mappas de naturalidades, vê-se que a provincia despeja sobre aquelle estabelecimento scientifico uma alluvião de filhos de camponezes, a maior parte dos quaes vão contribuir, com as forçadas despezas da formatura, para o pequeno empenho da pequena lavoura paterna.

A rotina, a difficuldade com que o povo portuguez acompanha a evolução progressiva do seculo, é o principal factor d'este estado de coisas. As fórmas politicas que nos regeram até o anno de 1833, succederam aquellas que tinham por base a liberdade e com ella uma orientação completamente nova, no valor moral do individuo. Alluido o velho mundo pelos fins do seculo XVIII, subverteu se, e de vez, com elle a sociedade dividida em castas; mas o reconhecimento dos direitos do homem e da soberania do seu espirito, feito com assombrosa espontaneidade e rapidez em França, pela geração dos fortes que symbolisam a Revolução, effectuou-se lentamente nas diversas nações européas e nem sempre — que o diga a historia das guerras civis! — com bom acolhimento.

São passados tantos annos depois da implantação do regimen liberal, e os velhos preconceitos de casta não nos abandonaram ainda. A evolução, muito lentamente effectuada, tendo encontrado apoio na lei que destruiu os morgados, deveria ter encaminhado a educação publica para a industria e para as artes.

Não aconteceu assim; houve apenas uma modificação e foi ella, que ao filho mais velho que d'antes era o morgado, ao segundo que era militar e ao terceiro que era padre, succedeu o bacharelado para os tres.

O que ainda não se acommodou ao espirito do tempo, foi o de entregar filhos á labutação da agricultura, do commercio e da industria — as verdadeiras fontes de riqueza nacional, que são os alicerces das sociedades democraticas. Tem-se por menos honrosa a *blouse* do operario, quando a *blouse* do operario não deve ser mais do que a representação nobilissima do direito á da que tem todo aquelle que honradamente trabalha.

E que desastrosos effeitos tem produzido este acanhado modo de ver!

Campos despovoados e incultos, fabricas fechadas ou trabalhando a custo, sempre impotentes para a lucta da concorrencia, um commercio rachitico e mesquinho, n'uma lucta constante com o credito que o abandona, emfim, a desolação, a ruina, a confusão em tudo e em todos!

Oh! que o problema da educação bem merece o estudo, a attenção reflectida dos que a seu cargo têm a orientação de uma sociedade!

E' elle a base sobre que ha de assentar a autonomia e a felicidade da patria portugueza.

Voltaremos ao assumpto.

Mario de Santa Rita.

A EXPEDIÇÃO MILITAR Á GUINÉ

Partiu no dia 11 do corrente, a bordo do vapor *Angola*, da Empresa Nacional de Navegação, a expedição militar para a Guiné, destinada a pacificar esta provincia ultramarina, que ha annos a esta parte se tem mantido em quasi permanente rebelião do gentio, com grave prejuiso do commercio e do progresso daquelle nosso dominio colonial.

A expedição compõe-se de uma companhia do regimento de infanteria 13, na força de 244 praças, comandadas pelos srs. capitão Jorge Camacho, comandante tambem da columna, tenente Francisco de Almeida, alferes Jaime de Sepulveda Rodrigues e Victor Duque; 64 praças de artilharia n.º 1 sob o comando dos srs. tenente Luis Nunes da Ponte, e alferes Antonio Carlos Costa; 40 praças das companhias de subsistencias, de equipagens, de telegraphistas e de saude com o sr. tenente-medico Manoel de Jesus Susano, capitão da administração militar sr. Joaquim Simões Costa, e tenente veterinario sr. Francisco Gervasio Flôres.

A expedição tem por chefe do estado-maior o sr. capitão D. José de Serpa Pimentel e sub-chefe o sr. D. José de Sousa Coutinho.

O sr. D. José de Serpa Pimentel fôra recebido na vespera por Sua Magestade El-Rei D. Manoel, que quiz conhecer o plano da campanha e que conferenciou largamente com este oficial mostrando saber minuciosamente a nova tatica militar.

Nesse mesmo dia recebera El-Rei tambem todos os oficiaes da expedição que foram despedir-se de Sua Magestade.

O embarque da expedição teve logar cerca do meio dia, tendo comparecido o ministro da guerra sr. conselheiro Sebastião Telles, ministro da marinha sr. conselheiro Augusto de Castilho e o sr. general comandante da divisão, Craveiro Lopes, encarregado de representar Sua Magestade, o qual em nome do soberano se dirigiu aos expedicionarios para lhes comunicar que El-Rei fazia os mais ardentes votos pelo bom exito da missão de que estavam investidos, contando que os novos expedicionarios continuariam os feitos gloriosos de seus camaradas que os precederam, como ainda ha pouco aconteceu com a campanha dos cuamatas.

Antes do embarque o sr. ministro da marinha passou revista á força militar, apresentando os expedicionarios excelente aspéto e a melhor disposição, sendo certo que alguns daquelles haviam requerido para fazer parte da expedição.

O embarque fez-se com certa dificuldade por causa da grande aglomeração de povo que acorreu ao caes, em que se encontravam, alem dos curiosos, familias dos expedicionarios, camaradas e larga representação da Escola do Exercito pelos seus alumnos sargentos aspirantes.

O *Angola* deu o signal de largar e as pessoas que não seguiam viagem apressaram-se a desembarcar para terra. Então os expedicionarios, correndo a bombordo uns, outros subindo ás enxarcias, e castélo de prôa, mandavam as ultimas despedidas aos parentes e amigos, que do caes lhes correspondiam, e não raro era vêr muitas mulheres que choravam pelos filhos, irmãos ou maridos, que o *Angola* lhes levava como pedaços de alma ou fibras do coração que com elles ia.

Assim partiu mais esse punhado de portuguêses valorosos que mais uma vez vão afirmar a vitalidade desta raça previlegiada, que não se nega aos sacrificios que a patria lhes pede, e antes está sempre pronta para a defender e honrar.

Que a boa estrela que tem sempre acompanhado o soldado português continue a ser-lhe propicia.

O berço da Casa de Bragança

Os nossos leitores, ao fallar da Casa de Bragança terão uma natural curiosidade por saber onde teve origem a primeira familia de Portugal, quero dizer aquella que foi chamada ao throno na pessoa de D. João IV e que ainda hoje é a familia reinante, essa casa que era temida de Castella, que tinha treze mil creados e cujos mordomos eram nomeados governadores da India.

Damo-lo hoje em estampa, esse famoso castello que é uma obra prima de architectura medieval, uma reliquia do feudalismo e um ornamento da cidade de Bragança. Aqui habitou o primeiro duque de Bragança, D. Affonso e depois, d'elle D. Jayme e D. Theodosio.

Consta que as primeiras obras são coevas do principio da monarchia e proximamente no meio vê-se ainda uma linha divisoria que assignala a differença de estylo. Dizem uns que a metade superior foi concluida no reinado de D. Diniz, outros sustentam que é estylo manuelino. Sem querer emittir opinião, n'este particular direi que é o unico que n'este genero ha em Portugal verdadeiramente digno de estudo e admiração dos entendidos. Proximo do castello está a torre da princeza, assim chamada porque um dos duques

A Expedição Militar á Guiné

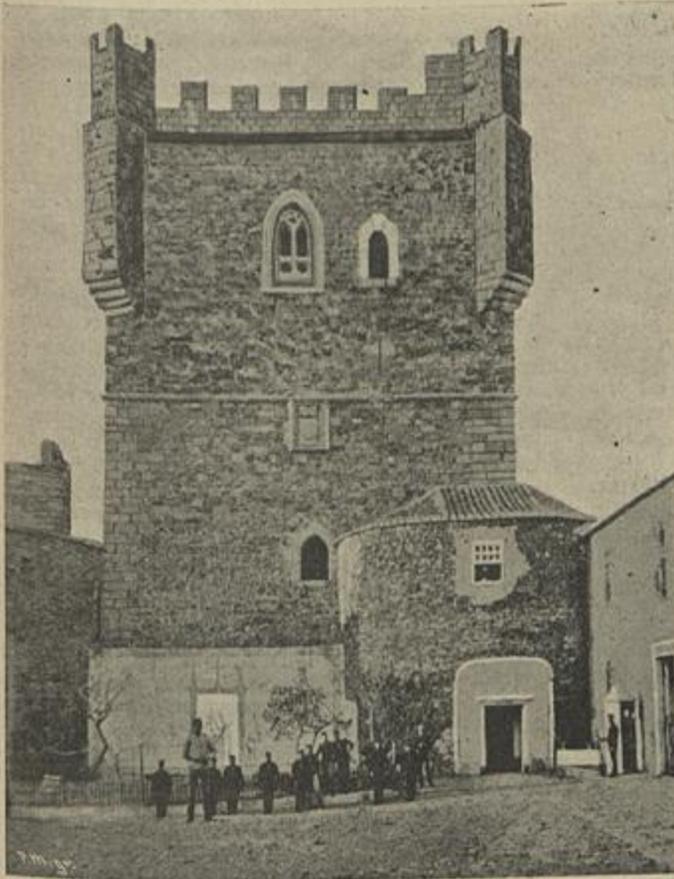
Os officiaes da Expedição

Soldados expedicionarios do regimento de Infanteria 13

(Clichés Alberto Lima)

Embarque dos expedicionarios no vapor «Angola» da Empreza Nacional de Navegação

(Cliché Benoliel)

O Berço da Casa de Bragança

Castélo de Bragança — Torre de Homenagem

Estação do Caminho de Ferro em Bragança

VISTA GERAL DE BRAGANÇA

(De fotografias)

de Bragança encerrou n'ella a princeza de Medina Sidonia.

A par do monumento mais antigo de Bragança publicamos tambem a vista da estação do caminho de ferro, que é o monumento mais moderno, edificio elegantemente construido n'um dos mais bellos sitios da cidade e cada um d'elles em cada um extremo da mesma.

O mais antigo no extremo oriental, o mais moderno no extremo occidental um pouco para noroeste.

D'ambos elles se descobre um panorama vasto e espaçoso, porque ambos ficam nos pontos mais elevados da cidade.

O primeiro symbolisa a antiguidade historica da cidade que ainda é o que lhe dá a proeminencia sobre todas as mais de Traz-os-Montes, porque quaesquer que sejam as vicissitudes dos tempos ella será sempre o berço da familia reinante.

Tem para a cidade uma alta significação e é bem digno de ser conservado com cuidado já pela obra d'arte que é, já por essa mesma significação e importancia historica. O outro monumento, a estação com o caminho de ferro, é o melhoramento mais importante para o commercio e para a agricultura. Esta ultima sobretudo é a que tem mais a lucrar e lucrará sem duvida desde que se inicie uma exploração agricola intensiva; tambem é a unica condição do engrandecimento da cidade.

Miguel José Rodrigues

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIII

(Continuado do n.º 1050)

Nos primeiros annos do seculo XIX e ultimos do seculo XVIII deu o governo particular atenção aos hortos botanicos, já expedindo ordens aos governadores das provincias ultramarinas para que enviassem ao da Ajuda diferentes exemplares da flora indigena, já enviando directamente ás colonias alguns naturalistas com o fim de estudar e pesquizar os segredos dessas floras.

Assim foi ao Brazil o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, a Moçambique Manoel Galvão da Silva, a Angola Angelo Donati e a Cabo Verde João da Silva Feio.

Domingos Vandelli, italiano de nascimento mas português de coração, a quem Portugal deve inumeros serviços prestados ás artes, ás sciencias e ás industrias, foi o primeiro director do jardim que elle fundara. A este sucedeu o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, substituido depois por Felix de Avellar Brotero, naturalista insigne que dotou o país com excelentes obras de botanica entre as quaes avulta a célebre *Flora Lusitana*. A sua direção de 1811 a 1828 marcou uma das épocas mais prosperas do jardim. (1)

Agora uma nota que acho interessantissima.

A proposito do orçamento para a sustentação do horto botanico e do subsidio gasto pelo estado originou-se, nas côrtes de 1820, uma curiosa senão lamentavel discussão.

Borges Carneiro, o aplaudido tribuno, pedindo a palavra sobre o assunto, condenou o governo pela liberalidade do subsidio estranhando que se gastasse tanto dinheiro com *hervaneiros*, tentando convencer a camara que o que elles queriam era dar cabo do tesouro. Os verdadeiros jardins botanicos são os campos onde os curiosos iriam estudar se quizessem, acrescentava elle com grande surpresa da camara ilustrada. Os vencimentos de Brotero tambem o indignaram, tão propensos eram os vintistas a indignações.

Para honra da nação, Santos do Valle, o futuro sucessor de Brotero, saiu á estacada a defender a manutenção daquelles campos de ensino pratico e com elle outros parlamentares.

Brotero saiu salvo daquella tempestade porque o resultado do ataque foi o elogio expontaneo feito por toda a camara á sua honestidade, zelo e competencia.

Borges Carneiro não teve nessa sessão os costumados louros.

(1) Faleceu com 84 annos na calçada do Galvão, em Belem.

Entretanto somente depois de falecido se lhe fez a devida justiça. No jardim botanico de Coimbra lá campeia um monumento perpetuando a memoria do ilustre naturalista representante da ilustre gerarquia de Christovam da Costa, Garcia da Horta, Frei José Mariano da Conceição Veloso (1), Thomé Pires, Garcia Veloso, Pero de Magalhães e do famoso Loureiro, autor da *Flora da Cochichina*.

Boa razão tinha o autor do *Pinto Renascido*, quando escrevia em 1722 o seu epigramatico epitáfio:

> Aqui jaz quem nos intima,
> Que a morte é pequeno mal,
> Por muito que a vida oprima;
> Pois o sabio em Portugal
> Só quando falta, se estima (2).

•

O edificio tal como o delineou Silva e Costa assim foi executado. Um projecto posterior de alojamentos para alunos internos foi posto de parte.

Onde outrora havia a igreja, incendiada em 1843, abre se actualmente um átrio espaçoso e claro. Desapareceu o taboleiro que corria á frente. Os dois alpendres monasticos foram demolidos, rasgaram-se janellas mais amplas, apagou-se emfim todo o aspecto conventual. Abriram se novas divisões, construiram-se grandes aulas em amphiteatro, romperam-se corredores, pintou-se, retocou-se, estucou-se, alindando-se a fachada e o interior.

Moral e scientificamente não foi menor a transformação. A escola que era exclusivamente destinada á educação de futuros oficiaes, chamados depois *aspirantes alunos* (3), perdeu o seu caracter militar e, desde 1859, que se tornou uma academia preparatoria para todos os cursos, constituindo um curso superior a totalidade das suas cadeiras, divididas em quatro annos escolares.

Por outro lado, uma pleiade de professores ilustres, cujos nomes seria ocioso nomear, tem ministrado e ministram ainda, pelos mais modernos preceitos pedagógicos, as vastissimas materias que a sciencia, sempre progressiva, vae exigindo.

Dos antigos processos escolares nem sombra ficou; do velho edificio resta apenas o claustro com as bocas da larga cisterna subterranea; da cêrca nem vestigios. Pomares, olivêdos, terras de semeadura, a capelinha da rainha de Inglaterra D. Catharina, tudo desapareceu, tudo secou, tudo morreu.

Em vez da pesada instituição monastica e do soturno colegio pombalino, campeia agora uma academia moderna, onde os estudantes de hoje põem uma nota alegre, retraida outrora na sombra negra das garnachas dos colegiaes fidalgos ou na recolhida compostura dos noviços da companhia.

Na sala do conselho escolar, estabelecida naquelle renque de casaria que ladeia pelo norte uma das ruas de ingresso ao jardim, onde tambem se acham instaladas a secretaria e a biblioteca, está, n'um dos topos, um retrato, em tamanho natural, de um cavaleiro seiscentista com o seu peitoral de aço sobre o gibão de veludo. Tem os olhos claros, rosto redondo e a barba castanha, em bico. Parece-se notavelmente com o czar da Russia.

Perguntei ao meu *cicerone* quem era. Não me soube dizer. Pobre Fernão Telles de Meneses! Olhei te com pena e senti bem então quanto tudo é fragil neste mundo. O que é feito desse noviciado em que concentráras todos os sonhos da tua existencia? A tua quinta de Monte-Olivete é hoje um jardim botanico; o teu noviciado uma escóla profana. Nem uma cruz, nem uma imagem, nem uma capéla. Todas as aspirações reduzidas a nada.

De toda essa hecatombe ficou apenas a tua figura magestosa e triste apagando-se a pouco e pouco na tela amarelecida pelos annos.

G. de Matos Sequeira.

(1) Frei José Mariano, foi um dos verdadeiros amigos de Bocage — Quando o poeta adoeceu gravemente, elle e outros reuniram-se e, á sua custa, mandáram imprimir alguns improvisos do enfermo para que o producto da venda revertesse a seu favor — O folheto intitula-se *Improvisos de Bocage em sua primeira, aliás perigosa, enfermidade*—Traz a data de 1905,

Bocage comovido agradeceu n'um soneto que depois se incluiu no volume. Frei José Mariano chama-lhe *Socio da Flóra*.

(2) Edição de 1742 — Paginas 396.

(3) Decreto de 18 18-9-1846

A revolução de Pirmasentz

Por A. Karr

II

No dia aprasado para a chegada do imperial hospede, o Barão de Robrecht, brilhantemente fardado, e com as suas condecorações, veiu apresentar um papel á assignatura do principe.

Era a escriptura de venda de uma das já poucas propriedades de Ricardo.

— Este expediente é violento, disse Robrecht com um suspiro, mas as actuaes circumstancias assim o exigem. Agora já poderemos receber convenientemente o senhor archiduque.

Ricardo assignou a escriptura sem a lêr.

Pelas onze horas d'esse dia o Barão veio todo alvoroçado annunciar ao principe que se avistava lá ao longe uma séje de posta precedida de um homem a cavallo, e que necessariamente deveria ser o archiduque que chegava, por isso era indispensavel correr ao seu encontro. O principe montou logo a cavallo acompanhado de Robrecht.

Estava contentissimo de sahir do palacio; havia já dois dias que tudo alli andava em uma barafunda que muito o incommodava. O seu creado de quarto tinha sido metamorphoseado por ordem do barão em camareiro-mór, e logo pela manhã cedo tinham obrigado o principe a fardar-se de grande gala. No palacio havia um barulho e desordem horriveis. Para mobilar os aposentos do velho palacio desde muitos annos desertos e privados de moveis, tinham distribuido pelas salas as poucas cadeiras que guarneciam o quarto particular do principe.

Quando Ricardo e Robrecht se aproximaram á fronteira dos estados de Pirmasentz, isto é, a um quarto de legua do palacio, viram na estrada uma nuvem de poeira.

O Barão immediatamente mandou formar o exercito para apresentar armas; e o principe recommendou aos seus musicos que tocassem bem afinados e a tempo.

A nuvem de poeira cada vez mais se foi approximando.

Robrecht deu o signal, e a grande banda de 120 musicos rompeu tocando o hymno do archiduque, cuja musica o proprio principe tinha ensaiado.

Então saiu da nuvem de poeira ainda correndo a todo o galope um cavalleiro, vestido á moda dos estudantes allemães. O estudante parou o cavallo, parecendo muito admirado de uma tão pomposa recepção. O Barão avançou para o recemchegado e disse-lhe d'um modo brusco:

— Seu amo vem ahi muito proximo?

— Eu não tenho amo. Sou Henrique, sobrinho do sr. Roberto.

Depois passou a galope sem cumprimentar o principe.

— Henrique está um bonito rapaz, disse o principe, que não reparára na descortezia do estudante.

— O tal Henrique é muito mal creado, murmurou o Barão.

Pouco depois chegou uma sege de posta, da qual se apeou, não o archiduque esperado, mas um viajante francez, o qual saudou muito civilmente o principe.

O Barão de Robrecht tinha-se preocupado tanto com os preparativos da recepção que se esquecera de responder ao archiduque, e este talvez despeitado mudara de itinerario, conforme certificou o viajante.

Robrecht ficou desesperado e Ricardo estava contentissimo.

— Senhor, diz o principe ao estrangeiro, dar-me-ha o prazer de jantar comigo. Robrecht, a festa que já tinha preparada ha-de effectuar-se. Convida todos os habitantes de Pirmasentz.

Ricardo escreveu de seu proprio punho ao pae de Guilhermina, convidando-o para jantar, e que viesse com sua filha e sobrinho.

O sobrinho do alfaiate, que durante a sua estada em Paris, tinha estudado a politica ultra-democratica nos botequins, respondeu orgulhosamente ao tio que elle nunca se assentaria á meza dos tyrannos.

— Tu és um pateta, retrucou-lhe Mestre Roberto.

— E o tio, contestou-lhe Henrique, é um adulador do poder.

O jantar do principe foi excellente. Comeu-se toda inteira a propriedade que Ricardo de manhã vendera. Mestre Roberto foi de uma insupportavel familiaridade para com o Barão de Robrecht; o viajante francez foi um pouco fallador,

mas sempre espirituoso. O fogo de vistas não quiz arder. Uns aguaceiros interromperam as danças no jardim. Os musicos á força de cerveja desafinaram desapiedadamente, mas Guilhermina estava presente e o principe contemplava-a, vestida de branco, com fitas asues — o principe gostava muito do asul. Que mais queria Ricardo?

— Robrecht, disse elle, ao findar a festa, tenho passado hoje um bello dia, tenho-me divertido muito. Podes vender amanhã outra propriedade, se a houver...

(Continúa.)

(Trad.) F. S.

RISCOS E LIGAÇÕES

POR

XAVIER DA CUNHA

Conta-se no nosso actual meio literario, em que, é certo, não escaceiam em quantidade os lidadores e em que, entre elles, uns felizmente se contam, ainda que em reduzido numero, que primam pela qualidade, alguns escriptores, mas esses, ainda mal, em mais apertada e contada mingua, a quem tem dominado sempre em sua carreira já longa e justamente aureolada, e constituindo como que o estofo de sua existencia, uma intensa, bem caracterisada e determinativa idiosyncrasia literaria, norte e mobil, iman irresistivel e irresistido de seu viver, é o eixo sobre que este incessante e infatigavelmente gira.

Não tenho o proposito por não vir adstrictamente ao caso, de deixar aqui registados os nomes de todos, ou aproximadamente, os que n'esta conta entram, ainda que não difficil seria o fazel-o, e por isso tão só me limitarei a designar dous dos que mais ahi se destacam e salientam acrisoladamente. São elles os srs. Xavier da Cunha e Sousa Viterbo, um e outro d'alma, vida e coração votados ao culto das boas letras e officiando como pontifices em seus altares.

E se aos bicos da penna me vieram tão intuitiva e suggestivamente esses dous nomes, devido isso não só a serem os dous escriptores apontados dos mais relevantes das nossas letras, mas ainda a ser a presente noticia referente ao primeiro d'elles, e tambem, e mais, a haver muitos pontos de contacto entre os dous sob mais do que um ponto de vista a contar desde os inicios de ambos em suas carreiras scientificas e literarias.

A um e outro consagro eu, e desde muito longe, sobre incondicional sympathia, intensa consideração e bem firmada admiração, suscitadas, plenamente justificadas e mantidas pela elevação de seus caracteres, e pelo primoroso e valioso de seus tantissimos trabalhos literarios.

Deixando para outra occasião, que a todo o momento se me deparará, o dizer o quanto e o muito em que reputo o sr. dr. Sousa Viterbo, tão opulentador das letras patrias, e cingindo-me ao ponto que hoje me determina a penna — o dar breve conta de uma das ultimas publicações feitas pelo sr. dr. Xavier da Cunha intitulada *Riscos e Ligações* — começarei por notar que em tão comesinha denominação dada ao apreciavel volume se demonstra e salienta um dos predicados que a sobredoirar os que em tanto o enaltecem, em si reune o preclaro escriptor. E' elle o de uma extremada e direi até excessiva modestia, qualidade por demais rara na classe literaria onde, geralmente, não só os que valem e pódem ousar, mas ainda os mais ignaros e enxebres (1) gralhas arreiadas com as pennas do pavão se arrogam o poder affirmar quanto a suas obras o *Exegi monumentum* de Horacio, como se tanto como este valeram, ou inda como Lucrecio, Ovidio, Camões, Bocage, e outros que o mesmo de suas obras, com incontestado direito a fazel-o, disseram.

Tendo o sr. Xavier da Cunha affirmado sua muitissima e incontestavel valia literaria em um sem numero de trabalhos de maior ou menor tomo, mas todos demonstrativos de seu longo estudo e de seu dilatado saber, com que acendrados os subidos quilates do talento, com que bem fadado, quiz agora feriar estudos e labores de maior momento e as canceiras que lhe traz a direcção da Bibliotheca Nacional, a cujo desempenho tem consagrado a mais acrisolada solicitude e desvelado e incessante lidar (1), com paginas leves e graciosas em sua maior parte, mas aqui e alli molhadas e ensombradas de lagrimas, escriptas singela e despretenciosamente ao correr da penna e á mercê e medida da impressão que em seu animo foram abrindo os assumptos a que referentes, mas nem por isso menos convidativas e enleiantes e sobretudo graciosas, e deu a lume os *Riscos e Ligações*.

(1) *Enxebre*, rustico, ignorante, mal amanhado, é termo que tão só e unicamente regista o *Diccionario* do sr. Candido de Figueiredo, dando-o como antiquado. No Minho é correntissimo.

Pelo que deixo escripto, e com o que n'este vae notado quanto aos caracteristicos que reveste o volume, que são os proprios de pequenos contos ou narrativas, genero literario não muito facil e em que poucos entre a redusida copia dos que o exercem, os que n'elle primam, fica bem definido que a leitura do livro começada como que a medo, e por curiosidade ou desfastio, se impõe de todo o começo a quem a encetar e a attenção presa, ora sorridente ora confrangida, lhe vae levando até as ultimas paginas.

Assim quem lhe volva as primeiras folhas virá engrossar o numero dos que por simples amisade ou consideração pelo auctor commettam sua lição, desmentindo em tal modo a epigraphe, tomada de Pauline de Flaugergues com que abre o tomo.

Não me faço eu cargo, que aliás seria bem gostoso levar por diante, e assim succederia se me fosse dado espaço para isso, de esmiuçar os 22 capitulos que na obra se contam, e obrigado pela falta de enchanças limito-me pois, reiterando tudo o que fica dito, a deixar aqui registado que na e sobre a obra já tão dilatada e proficua do sr. Xavier da Cunha, não baixaram uma sombra os *Riscos e Ligações*, mas a illuminaram com novo raio de vivida e acariciadora luz, em e com todos os cambiantes e modalidades que revestem na mais extensa e harmoniosa gemma, ferindo todas e as mais resoantes notas do viver humano.

A acendrar estas, e a tornal-as mais suggestivas, perpassa atravez todas as folhas do livro vibrantil, intensa a saudade do auctor pelos tempos idos desde a sempre lembrada mocidade e pelos tantos condiscipulos e amigos a que, a cada passo dos desde então andados, a morte tem ido levantando marcos e cipos funerarios, sendo que a alguns d'elles e á sua memoria consagradas muitas das narrativas da obra, e digo que esta em tal modo acendrada, porque, como já o notou o sr. Candido de Figueiredo em noticia sobre ella, ahi se acusa no sr. dr. Xavier da Cunha sobre «o homem de letras — e distinctissimo — o homem de coração» e tudo o que com este se relacione e prenda, a todos interessa pelo velho e sempre novo e sempre verdadeiro dizer de Terencio, o primeiro dos pagãos que o formulou: *Homo suma et nihil humani a me alienun puto.*

Como o ultimo capitulo do tomo *Retoques Typographicos* é consagrado «A quem tiver tido a pachorra de ler este meu livro» — tambem eu partilho do enunciado offerecimento, e por contente me dou com elle, e sobre elle, que gratissima e duradoura me será a lembrança das agradaveis horas que dei á leitura das enleiadoras 334 paginas que os *Riscos e Ligações* alcançam.

RODRIGO VELLOSO.

NECROLOGIA

Emilia Eduarda

A actriz Emilia Eduarda, que faleceu no Porto em 29 de fevereiro ultimo, é das que pretence ás paginas mais brilhantes da historia do teatro português, pelo muito que nelle se distinguiu.

(1) Não tem sido nem é para o sr. dr. Xavier da Cunha o lugar de director da Bibliotheca Nacional, uma simples e pura conezia, de que apenas se limite, como tantissimos outros funccionarios publicos, a receber a respectiva prebenda, mas um laborioso e oneroso encargo, que lhe exige, para bem ser exercido, constantes e não interrompidos cuidados, que nem por um só momento olvida, alliando, no cumprimento dos deveres que lhe impendem, a todos os caracteristicos de superior superintendencia e direcção de tudo o que prende com o importantissimo estabelecimento a cuja frente se acha e para seu lustre, bom nome e sempre crescente progredimento, o mais louvavel e applaudivel rigor, casado com a maxima cordura e benevolencia para com todos os seus subordinados, não se eximindo a si proprio d'aquelle.

De tudo isto dão pleno e suggestivo testemunho os seus Relatorios trimensaes, preciosos em todo o sentido, e se não unicos mui peregrinos no seu genero.

Reservo-me o escrever mais de espaço a tal respeito não o podendo bem fazer á larga por agora.

Mais do que actriz foi Emilia Eduarda poetisa e mal cuidava quando, numa recita de estudantes, improvisou:

> Se a morte negra e irada
> me levasse neste instante
> queria ser embrulhada
> na capa d'um estudante.

que assim lhe viria a acontecer.

Emilia Eduarda morreu no palco, quando recebia uma das maiores ovações que porventura teve na sua longa vida de artista.

Conta um correspondente do Porto, que assistiu ao festival do Centro Academico, realisado em sabado gordo no Salão da Porta do Sol, em honra da tuna escolar Salamantina, no qual tomou parte Emilia Eduarda e a quem os espectadores fizeram uma calorosa ovação:

«Impressionada fortemente por uma acolhida tão carinhosa, viu-se que Emilia Eduarda empallidecera, mas esta circumstancia a ninguem deu rebate do tragico desenlace que tão proximo estava, a ninguem passou pela ideia que aquella consagração tão viva, tão tocada de admiração e estima era a ultima que fazia vibrar de jubilo o coração bondosissimo e impressionavel da gloriosa artista.

«Entretanto, esta, correspondendo á gentileza dos rapazes, que a recebiam assim com um tal affecto e respeito, ergueu do chão uma das capas e lançou-a pelos hombros, cingindo-a ao busto n'um gesto rapido, febril, que mais aqueceu ainda a ovação, tornando-a uma das mais frementes que Emilia Eduarda devia ter ouvido na sua vida tão cheia de lances semelhantes.»

Os fados cumpriram-se. Emilia Eduarda recitou a canção do *Engeitado*, de Angelina Vidal, mas os ultimos versos a custo os disse e quando, no meio dos delirantes aplausos, o quintanista de medicina sr. Mendes Correia lhe entregou um ramo de flôres, ella já mal lhe pegou deixando-se cair numa cadeira, fulminada por uma congestão cerebral.

EMILIA EDUARDA

Assim morreu a artista no meio das efemeras glorias do mundo.

Emilia Eduarda nasceu em 1 de janeiro de 1845 e muito cedo revelou sua inclinação para teatro, como cedo tambem casou, pois se consorciou aos 12 annos de idade, o que em nosso pais não é muito vulgar.

Estreiou-se como amadora dramatica no antigo teatro particular Terpsicore da rua da Conceição em Lisboa. Ali desempenhou tres papeis de diversos generos nas comedias *Homem de ouro*, *Util e agradavel* e *Moleira de Marly*, revelando sua grande disposição para a arte.

Tendo enviuvado aos 16 annos, escriturou-se no teatro do Gimnasio onde teve a sua estreia como actriz profissional, em a noite de 1 de outubro de 1861, na comedia *A esposa deve acompanhar seu marido*, de Julio Cesar Machado.

A nova actriz agradou extraordinariamente, e assim continuou sua carreira teatral depois nos teatros das Variedades, do Principe Real, e no Porto para onde foi escriturada pelo empresario Moutinho.

Nesta cidade, se póde dizer, foi o teatro das suas maiores glorias, fazendo parte das companhias dos empresarios Garraio, Rente, José Ricardo e Taveira.

Em 1895 foi, na companhia do empresario Taveira, ao Brasil onde a acolheram novas palmas, e lá voltou annos depois.

Ultimamente estava retirada do teatro.

Exercicio de tiro ao vôo

O exercicio de tiro ao vôo é sem duvida, um divertimento util e que, entre nós, possue grande numero de amadores, que se dedicam a este genero de *sport*. Porém, a maior dificuldade que até hoje se tem apresentado, é, a de tornar este exercicio um pouco dispendioso. O aparelho que vamos descrever, crêmos que é suscétivel de tornar mais economico este exercicio. Este aparelho, de preço modico, tem ainda a vantagem da sua facil acomodação na algibeira, o que permite ao amador, poder exercitar-se com elle, em qualquer campo, pois a sua montagem não carece de dificuldade alguma. A parte esencial é um *lança-helice*, e os projectis, empregados, são de aço, os quaes podem ser lançados em todas as diréções, com a vantagem de poderem servir indefinidamente.

Achatando ou levantando as azas da helice, provavelmente composta de aluminio, visto ser uma substancia muito leve facilmente podemos variar a naturesa do vôo; apenas a helice chega á altura que se pretende, esta planifica-se antes de cahir, reanima-se de movimento rotatorio que cessa, assim que é atintigida pelos projectis, cahindo logo a terra.

O emprego do aparelho é muito simples. Levanta-se a parte E do aparelho, introduz-se-lhe uma chave, na abertura B (fig. 1), monta-se o aparelho até ao ponto de descanço, e ahi se coloca a helice. Feito isto, o instrumento é colocado a distancia, fixando-o por meio de uma rosca existente na sua parte inferior, a um tronco de arvore, ligando-se a parte E ao pé do atirador, por meio de um cordel (fig. 2). Fazendo um movimento para trás, tanto basta para que esse movimento se transmita logo á helice, que se desligando toda, sobe até á altura pretendida, e o amador encontra-se na melhor posição para descarregar a sua arma.

FIG. 1 FIG. 2

EXERCICIO DE TIRO AO VÔO

Dando esta indicação para aquêlles a quem esta distração lhes sirva de recreio, diremos que o lança-helices se acha á venda em Paris, na conhecida casa Kratz-Boussac, rua Martel, 14, (X districto).

PUBLICAÇÕES

Annuario Commercial de Portugal, 1908. — Dirétor: Caldeira Pires; proprietario: Manoel José da Silva. 28.º anno de publicação.

E' o livro mais completo que no genero se publica em Portugal, como o mais antigo, pelo que é vastissima a sua informação paciente e persistentemente colhida durante muitos annos, no continente do reino, ilhas e ultramar.

Têm esta publicação ido sempre em aumento, pois tendo principiado por um volume de cerca de 1:000 paginas, hoje estende se a dois volumes com 3:740 paginas ao todo. Isto basta para dar idéa da extraordinaria informação que o *Annuario Commercial de Portugal* contem sobre commercio, estações officiaes civis, militares e ecclesiasticas, tribunaes, instrução publica, municipios, industria, imprensa, etc., com um milhão de endereços, tudo de reconhecida utilidade para o publico.

Carta a D. Manoel II *(Resposta dos perseguidos e conselhos de quem não é nem quer ser conselheiro)*, por Silva Vianna. — Imprensa J. Sousa. — Lisboa, 1908.

O texto da alludida carta, que abrange 29 paginas, encerra grandes verdades e conclue por um trecho em que se destaca este periodo:

«Entregae os desígnios do paiz a um criterio absoluto; a um respeito inalteravel; á bella e santa religião do dever, do trabalho e do amor; ao culto crystalino da liberdade e da lei.»

A Cidade *(Versos)*, por D. João da Camara. — Guimarães & C.ª, editores. — Lisboa, 1908.

E' o ultimo livro do finado e saudoso poeta, e contém dezenove composições de que segue uma simples amostra na seguinte quadra da poesia *Costureiras*:

«Mal seu primeiro compasso
«Rompe a orchestra matutina,
«Logo, em busca da officina,
«Cada qual estuga o passo.

Antonio Cabreira *(Noticia succinta da sua Vida e Obras)*, pelo professor Emilio Augusto Vecchi. — Composto e impresso na typographia Bayard. — Lisboa, 1907.

Folheto de 32 paginas acompanhadas por um bello retrato do consagrado mathematico, n'elle, o auctor apresenta com todo o colorido da verdade reconhecida a figura de Antonio Cabreira, gloria legitima da nacionalidade portugueza intellectual e pensante.